

# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

## Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

- Alice Joko • Rita de Cássia Soares
- Vera Augusto • Yuko Takano

lters Student Center  
Académie des Lettres  
Cion Estudiantil de Letras  
to Acadêmico de Letras  
文学 學術  
センター



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

EDITORA



UnB



**Universidade de Brasília**

**Reitora**  
**Vice-Reitor**

Márcia Abrahão Moura  
Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora**

Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial**

Germana Henriques Pereira (Presidente)  
Fernando César Lima Leite  
Ana Flávia Magalhães Pinto  
César Lignelli  
Flávia Millena Biroli Tokarski  
Liliane de Almeida Maia  
Maria Lidia Bueno Fernandes  
Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
Roberto Brandão Cavalcante  
Sely Maria de Souza Costa  
Wilsa Maria Ramos



# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

---

## Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

**Alice Tamie Joko**

**Rita de Cássia da Silva Soares**

**Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto**

**Yuko Takano**



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Coordenadora de produção editorial**

**Revisão**

**Diagramação**

**Foto de capa**

**Equipe editorial**

Marília Carolina de Moraes Florindo

Alice Tamie Joko, Rita de Cássia Soares,  
Vera Lúcia Augusto e Yuko Takano

Laissa Reis

René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)

E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
desta publicação poderá ser armazenada ou  
reproduzida por qualquer meio sem a autorização  
por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

---

D536

Diálogo linguístico : Ocidente e Oriente / organizadoras, Alice  
Tamie Joko ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de  
Brasília, 2021.

368 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

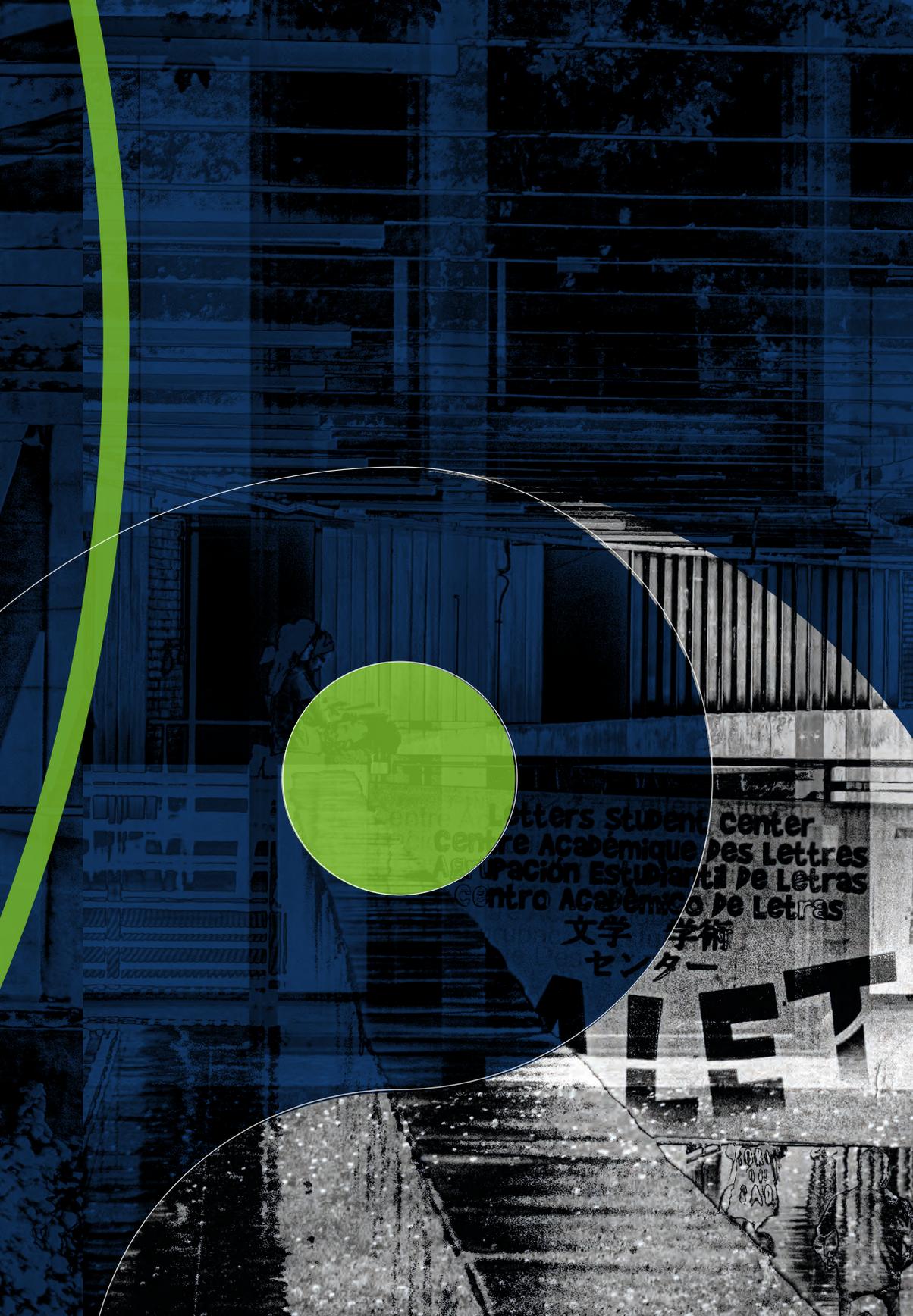
ISBN 978-65-5846-143-2

1. Sociogeolinguística. 2. Língua japonesa - Estudo e ensino.  
3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. I. Joko, Alice Tamie  
(org.). II. Série.

CDU 81'28

---





Letters Student Center  
Centre Académique Des Lettres  
Asociación Estudiantil de Letras  
Centro Académico de Letras  
文学 学術  
センター

MEST

# SUMÁRIO

---

**Apresentação** \_\_\_\_\_ 11

## **PARTE I - OCIDENTE**

**Mapeamento geossociolinguístico da vogal média posterior  
pretônica /o/ no Estado de Rondônia** \_\_\_\_\_ 25

Abdelhak Razky (UnB)  
Diego Coimbra (UFPA)

**Contribuições da sociogeolinguística para o ensino de língua  
portuguesa: propostas de intervenção para a educação básica** \_53

Adriana Cristina Cristianini (UFU)



**Crenças e atitudes: vencendo o preconceito e construindo empatia linguística**\_\_\_\_\_73

Clézio Roberto GONÇALVES (UFOP/CNPq)  
Josane Moreira de OLIVEIRA (UEFS/UFBA)

**Amuleto, figa, patuá...: um estudo de sociogeolinguística**\_\_\_\_\_95

Irenilde Pereira dos Santos (USP)

**Tagarela, falador e papagaio: linguagem e interação nas variações do português**\_\_\_\_\_115

Rita de Cássia da Silva Soares (USP e FAG)

**Escolhas lexicais e ensino de línguas: anseios e possibilidades**\_\_\_\_139

Selma Sueli Santos Guimarães (UFU)

**Um estudo geolinguístico no Estado de Goiás**\_\_\_\_\_161

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto (UNICALDAS e IFMT)

**PARTE II - ORIENTE**

**O uso de línguas pela primeira geração de imigrantes okinawanos na Casa Verde em São Paulo e as suas questões linguísticas**\_\_\_\_\_179

Eduardo Nakama (UnB)  
Yûki Mukai (UnB)

**Uma nova abordagem de ensino do curso de japonês no Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Sobradinho – CILSOB – percepções de um professor sobre o processo**\_\_\_\_\_219

Geanne Alves de Abreu Morato (SEEDF)  
Hélder Gomes Rodrigues (SEEDF)

**(Im)polidez, saudações e formas de tratamento: dificuldades de aprendizagens de português LE**\_\_\_\_\_261

Kazue Saito M. Barros (UFPE/CNPq)  
Alice Tamie Joko (UnB)  
Ricardo Rios Barreto Filho (UFPE)

**TCC do Curso de Licenciatura em Japonês: um olhar no passado e reflexões**\_\_\_\_\_283

Kyoko Sekino (UnB)

**O nordeste asiático como área de convergência linguística: a língua japonesa em seu contexto regional**\_\_\_\_\_315

Marcus Tanaka de Lira (LET/UnB)

**Diálogos possíveis: áreas que se convergem para os estudos do falar nipo-brasiliense**\_\_\_\_\_337

Yuko Takano (UnB)

**Posfácio**\_\_\_\_\_361

**Os Autores**\_\_\_\_\_363



## PARTE II - ORIENTE

---





# DIÁLOGOS POSSÍVEIS: ÁREAS QUE SE CONVERGEM PARA OS ESTUDOS DO FALAR NIPO- BRASILIENSE

---

Yuko Takano (UnB)

## 1. INTRODUÇÃO

O intercâmbio de diversas etnias com suas respectivas línguas e culturas contribui na configuração do cenário multiétnico de um país. No caso do Brasil, sua configuração étnica é a soma dos encontros entre as comunidades originárias autóctones e das comunidades imigratórias e transplantadas.<sup>1</sup>

Entre as comunidades imigratórias, há a presença dos imigrantes japoneses que nos idos de 1908 lançaram sua primeira âncora no porto de Santos-SP, em busca de uma nova perspectiva de vida em solo brasileiro. Os encontros e os desencontros, os sonhos e a realidade tornaram-se os elementos motivadores para a nova jornada desses imigrantes que foram

---

<sup>1</sup> Comunidade “transplantada”: termo utilizado por Cunha (1996) quando se refere às comunidades que se formaram e se instalaram devido à imigração.

absorvendo a nova cultura e a nova língua, adotando, assim, o “país do sol poente” como sua terra mãe.

Há mais de um século que os nipo-brasileiros vivem no solo brasileiro a (i)migração japonesa se fez presente na formação do povoamento de várias cidades e capitais do Brasil, dentre elas, o Distrito Federa, destaque do presente artigo. Nesse convívio, o repertório linguístico começa a modificar no decorrer de histórias linguísticas de suas vidas.

Isso porque, com o passar dos anos, começaram as migrações dos japoneses e ou seus descendentes para as zonas urbanas e em decorrência disso, os valores culturais e linguísticos do país de origem, intactos no passado em que a maioria dos imigrantes vivia em comunidades rurais num contexto de isolamento, começam a sofrer mudanças.

Dessa feita, à medida que ocorre o distanciamento dos costumes e dos hábitos, os nipo-brasileiros vão perdendo alguns dos traços étnicos de origem e a língua japonesa, que outrora era a língua dominante, no contato direto e constante com a língua majoritária começa a absorver os novos elementos. Nessa interação, sustentada pelo contexto de bilinguismo, cria-se situação peculiar no falar dos nipo-brasileiros, trata-se de um fenômeno que evidencia a presença de dois universos linguísticos que se compartilham e se intercalam, criando uma nova variação linguística que aqui será denominada de *variedade nipo-brasileira*.

Os dados deste artigo são registros retirados da pesquisa realizada pela autora no doutoramento (TAKANO, 2013) que trata de primeiro mapeamento linguístico do falar nipo-brasileiro, no contexto do Distrito Federal, com enfoque semântico-lexical. Por meio de registro na modalidade oral, foi possível identificar na fala dos sujeitos de pesquisa (nikkeis bilíngues) as ocorrências do fenômeno variedade nipo-brasileira. As comunidades pesquisadas foram 5 (cinco) do Distrito Federal: Brazlândia; Núcleo Bandeirante; Plano Piloto, Taguatinga e Vargem Bonita.

Para este estudo, seguiu-se a orientação teórica e metodológica da Geolinguística e da Dialetoлогия, o pressuposto da Sociolinguística na vertente bilinguismo social e interacional, o contato de línguas e Linguística Histórica. Como procedimento metodológico para a pesquisa de campo, foi utilizada a metodologia de pesquisa elaborada

pela pesquisadora, a exemplo do questionário semântico-lexical visual (QSLV), com bases em alguns critérios estabelecidos pelas correntes teóricas citadas.

## 2. ESTADO DE ARTE

Em se tratando de Sociolinguística, enfatizou-se o bilinguismo na vertente de contato de línguas (WEINREICH, 1953), visto que esse fenômeno ocorre com os nipo-brasileiros do Distrito Federal, os quais convivem com as duas realidades linguísticas (japonesa e portuguesa). Nesse encontro, as faces das línguas/variedades são reveladas e põem à mostra a complexidade e dinamicidade de uma língua natural em seu “habitat” (COSERIU, 1982)<sup>2</sup> que se movimenta e se adapta conforme ao contexto de comunicação com seus pares. Surgem, portanto, situações complexas no processo da interação discursiva e que se tornam desafios para os estudos linguísticos. Vale ressaltar que os aspectos extralinguísticos, muitas vezes, direcionam o comportamento interativo dos falantes, principalmente, quando o contexto linguístico não é favorável ao uso dessa variedade. Na pesquisa realizada pela autora (TAKANO, 2003), observou-se que a variedade nipo-brasileira revela a face em que o viés da desigualdade marca e demarca o processo linguístico dos grupos. Ainda conforme Takano, a questão da minoria linguística pode ser inserida neste contexto, uma vez que, nas entrelinhas, subsistem línguas/variedades que estão em situação desigual, ou seja, os valores atribuídos a cada uma delas, muitas vezes, definem a posição hierárquica. Nessa situação, a língua/variedade de maior prestígio prevalece, porque exerce uma função majoritária na sociedade e por ela é assegurada, enquanto a variedade de menor prestígio esbarra num ambiente desfavorável à sua sobrevivência. Isso equivale a dizer que o *status* linguístico da língua/variedade passa a orientar o comportamento verbal dos falantes. Quando o falante se mostrar favorável a uma língua/variedade, mesmo que do grupo minoritário, essa

---

<sup>2</sup> O “habitat”, aqui referido, pode ser justificado conforme o postulado de Coseriu (1982, p. 79) que considera todas as realizações humanas em interação com seu meio.

atitude acaba favorecendo sua manutenção linguística, pois, entra em cena o componente positivo que assegura sua função. Caso isso não ocorra, pode comprometer a manutenção da língua. Embora o fenômeno seja de natureza linguística, existem fatores sociais, psicológicos, culturais, históricos, políticos e geográficos que influenciam na configuração linguística desse grupo social. Aqui insere-se o processo dinâmico dos falantes e de seu ambiente natural, uma vez que o “habitat” contribui diretamente para uma dada situação linguística. Cabe ressaltar que os fatores espaciais, geográficos e históricos, muitas vezes, orientam essas manifestações linguísticas, pois a língua(gem) é oriunda desses meios.

Coseriu (1982) define a linguagem como um fenômeno multifacetado. Essa definição supõe várias formas de olhar o mesmo objeto de estudo. Supõe igualmente que essas faces vão se revelando e indicando as outras que estão subjacentes, evidenciando que as conjunturas externas devem ser conjugadas para melhor compreensão do fenômeno linguístico. Se a língua(gem) é um meio de comunicação produzido no seio social e historicamente definido, é com ela que os falantes expressam sua visão de mundo e é igualmente com ela que os grupos linguísticos compartilham entre si a vida cotidiana. E, ainda, Coseriu define nos estudos da sincronia, diacronia e história de que no âmbito desses estudos “a história da língua situa-se, ambas, no nível histórico da linguagem e constituem juntas a linguística histórica” (*apud* SILVA, 2008, p. 8).

Na situação das comunidades transplantadas, conforme o estudo de Takano (2003) a influência linguística da sociedade hospedeira é inquestionável para que ocorra o deslocamento linguístico das línguas minoritárias, principalmente naquelas situações em que a diglossia (FISHMAN, 1967) se encontra fragilizada e instável. Nessa pesquisa foi revelada que tal tipo de cenário faz com que a língua minoritária recue para dar espaço à língua majoritária. A partir dessa constatação, é possível inferir que as línguas/variedades de muitas comunidades linguísticas do Brasil podem ser analisadas à luz dessa situação observada por Fishman.

Em se tratando de bilinguismo, é comum que os dois sistemas entrem em contato íntimo e, devido à intensidade desse contato, é natural que elementos da outra língua comecem a se incorporar à língua nativa,

por meio do fenômeno denominado empréstimo linguístico. Sobre o tema, Grosjean (1982, p. 341) escreve:

Deste modo o biliguismo está na fonte do empréstimo linguístico. Enquanto a língua continuar indo ao encontro de outra, através de indivíduos e comunidades bilíngues, elas não falharão em influenciar uma a outra. O empréstimo linguístico é o legado daqueles que vivem com duas línguas (tradução nossa).<sup>3</sup>

Na comunicação intersubjetiva, ainda que o empréstimo seja realizado por um interlocutor bilíngue, o outro interlocutor igualmente bilíngue, pode identificar a fala e, ainda, efetivar a interação. Isso ocorre porque ambos estão expostos às duas línguas e compartilham do mesmo conhecimento linguístico. O repertório linguístico do falante respalda no conhecimento do passado e do presente, organizando e reorganizando a forma de falar, indicando em parte, nesse processo, a trajetória histórico/linguístico da língua(gem) em pleno movimento. A mudança linguística ocorre no momento em que se incorporam novos elementos e outros permanecem conectados à origem, remodelando, assim, o uso no tempo real.

Nessa composição do universo linguístico, as áreas de conhecimentos se integram e se unem para uma investigação “multidisciplinar”. Uma das áreas que se propõe a investigar o universo linguístico é a Dialetoлогия/Geolinguística, que retrata a situação das línguas/variedades das regiões, ao estudar a correlação entre os fenômenos linguísticos e o espaço geográfico e a outra área de conhecimento é a Historiografia Linguística, que observa o fenômeno nas vertentes da diacronia e da sincronia, em que se reescreve a língua(gem) num olhar caleidoscópico.

Neste trabalho, língua(gem) será utilizada conforme Coseriu (1982, p. 30):

---

<sup>3</sup> *This bilingualism is at the source of language borrowing. As long as language continue to come into contact with one another, through individual bilinguals and in bilingual communities, they will not fail to influence one another. Language borrowing is the legacy of those who live with two languages*

[...] a linguagem se apresenta sempre como “língua”, ou seja, como linguagem que se desenvolveu e que se realiza historicamente. A linguagem é apreensão do ser, mas não por meio de um sujeito absoluto, nem do indivíduo empírico, e sim por meio do homem histórico que, precisamente por isso é ao mesmo tempo um ente social. (...) estas duas dimensões aparecem como duas apenas na interpretação explícita da linguagem, mas no fundo são uma só.

Nessa perspectiva o fenômeno lingua(gem) engloba todos os eventos linguísticos que se manifestam no sujeito social. Alguns estudiosos, entre eles Chambers e Trudgill (1984), definem a variação linguística como formas de falar, ou seja, no repertório linguístico dos falantes, existem diversas formas e o falante recorre ao uso de uma delas, conforme o contexto discursivo. Para os teóricos, as variedades apresentam traços da língua matriz, o que as diferencia são os fatores históricos, geográficos, políticos, sociais e culturais, os quais podem fornecer subsídios para justificar a formação dos falares.

Nos estudos dialetológicos/geolinguísticos japoneses, as variedades regionais são chamadas de *hôgen*<sup>4</sup> e existem inúmeras variedades regionais que percorrem do norte a sul do país, incluindo a região de Okinawa que tem a língua local “Uchinaguchi” usada pelos falantes locais. Neste trabalho utilizaremos o termo *hogen* ao tratar de variação diatópica da língua japonesa e recebe o mesmo conceito, sem o viés de estigma linguístico, conforme argumentado pelos teóricos Chambers e Trudgill (1984, p. 5) ao se referirem à variedade: “*We shall use ‘variety’ as a neutral term to apply to any particular kind of language which we wish, for some purpose, to consider as a single entity*”<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Hôgen: termo utilizado no Japão para as variedades diatópicas. Obs: a leitura [hôguen – H (aspirado)].

<sup>5</sup> Devem usar ‘variedade’ como um termo neutro para aplicar a qualquer tipo específico de língua que desejamos, como proposta, por algum motivo, considerar como uma entidade única (tradução nossa). Devemos usar ‘variedade’ como um termo neutro para aplicar a qualquer tipo específico de língua que desejamos, para algum propósito, considerando-o como uma entidade única.

As pesquisas dialetais sedimentaram o caminho para uma nova abordagem teorica/metodológica nos estudos da língua(gem), pontuando o aspecto espaço geográfico como um dos elementos determinante para manifestação do fenômeno linguístico regional.

Os estudos da Geolinguística envolvem procedimentos metodológicos alinhados com a teoria linguística para validar o fato linguístico, com foco na variação diatópica. Conjuga-se, também, os condicionantes subjacentes como políticos, sociais e culturais que são tecidos juntamente com o ambiente geográfico, os quais justificam as ocorrências de determinados fenômenos linguísticos. Segundo Coseriu (1982, p. 17) refere-se a geografia humana:

As relações destacadas pela geografia linguística, no sentido que chamamos de “técnico”, não são entendidas como relações diretas entre o ambiente natural (geográfico) e a linguagem, mas como relações entre o ambiente geográfico e a difusão espacial dos fatos linguísticos. (...) como relações condicionadas política, social e culturalmente: mais que a geografia física, dizem respeito à geografia humana e política.

Nesses termos, a geografia humana o espaço é determinado em conformidade com a situação linguística que queira investigar, portanto pode abranger desde um espaço domiciliar até um espaço maior como um território nacional. O espaço linguístico ainda que seja um ‘espaço virtual’, seus condicionantes vão dar a sustentação para sua configuração. Tendo essas considerações como referência, inserimos a concepção do ambiente natural e a geografia humana como condicionantes subjacentes para o desenvolvimento do ‘falar dos nipo-brasileiros’, no nosso caso, dos nipo-brasilienses.

Sendo a língua(gem) um produto socialmente construído, recebe as influências do contexto histórico e, sendo assim, para sua análise deve-se levar em consideração o homem no seu tempo histórico/linguístico. O homem é um ser social e recebe as influências externas para a construção do ‘eu linguístico’ e tem como referência o ‘nós linguístico’

e ‘eles linguístico’. A mudança linguística observada nos estudos revela o percurso do falar do falante no seu tempo real e atual, indicando as possíveis mudanças nos aspectos: gramatical; fonético e fonológica; morfológica; e discursiva. Essa conjugação de fatores desencadeia diferentes configurações no falar.

Silva (2008) considera duas instâncias de estudo da linguística histórica, *lato sensu* e *stricto sensu*, que servirão de reflexão teórica para este estudo. A linguística histórica *lato sensu* trata-se de um estudo muito utilizado na área da Dialetoлогия/Geolinguística, da Sociolinguística, da Etnolinguística, entre outras, que para sua investigação descritiva da língua recorre aos procedimentos como coleta de dados *in loco*, com foco no tempo atual e no espaço. Essa instância pode ser justificada pela citação de Silva (2008, p. 9):

[...] os estudos dialetológicos, tanto atlas linguísticos, como os da sociolinguística variacionista, que refina o método de quantificação por meio de programas informatizados, que permitem cruzar variáveis intra e extralinguísticas e estabelecem os pesos dessas variáveis; os estudos etnolinguísticos, que utilizam informantes adequados aos objetivos, constituem corpora para análise, em geral

A autora enfatiza também que as teorias de textos, do discurso e da conversação (datados e localizados) podem ser somadas aos estudos da linguística histórica *lato sensu*.

Já no caso de *stricto sensu*, a autora divide em duas situações: “a linguística histórica e a linguística diacrônica associal”. A linguística histórica, a primeira situação, refere-se aos estudos orientados pelos segmentos extralinguísticos e segmentos intralinguísticos que privilegiam os fatores sociolinguísticos, entre eles, histórico, social e mudança linguística. Na segunda situação, segundo a autora, o enfoque é no segmento intralinguístico e referencia os estudos do estruturalismo diacrônico e do gerativismo diacrônico. (SILVA, p. 9).

O paradigma dicotômico da diacronia e da sincronia que foi contemplado em vários estudos da língua(gem), ganha novos olhares, quando os fenômenos são considerados como um processo *continuum* da língua, ou seja são aspectos que se completam, mantendo cada qual com sua concepção única, porém formatada em um discurso bilateral, a unicidade do processo de desenvolvimento da língua. Essa argumentação pode ser observada no texto da Silva (2008, p. 11) quando menciona o fragmento de Coseriu (1979, p. 237-238) seguinte:

A língua se faz...: é um fazer-se num quadro de permanência e de continuidade... Mas o fato de se manter parcialmente idêntica a si mesma e o fato de incorporar novas tradições é, precisamente, o que assegura sua funcionalidade como língua e seu caráter de “objeto histórico”. Um objeto histórico só o é, se é, ao mesmo tempo, permanência e sucessão

Ainda, ao se referir aos estudos da linguística histórica e sua relação com a linguística, Silva recorre à argumentação teórica de Martin (2003[2002]) para explicar essas duas áreas de conhecimento. Para entendimento da evolução de uma língua é preciso recorrer a sua história para melhor compreensão do fenômeno. Tendo em vista que mostra a importância dos fatores históricos e culturais para a situação sincrônica da língua natural em constante movimento, uma vez que ela se configura no seu meio social, enfim, no seu *habitat*. Silva (MARTIN, 2003, p.17) menciona no seu texto a argumentação de Martin (2003[2002], p. 141-142) sobre a “dupla dimensão” da linguística histórica.

Toda língua é feita de camadas diversas: é necessário um mínimo de cultura histórica para discerni-las. Explicar uma língua é, ao menos, em parte, compreender sua história... eis, portanto, o que justifica a abordagem histórica, mesmo em pura sincronia contemporânea. Mas fica óbvio que a história da língua encontra em si mesma amplas razões para modificar sua prática.

Os estudos convergem-se numa única direção o entendimento da língua(gem) nas suas múltiplas funções e aplicabilidade, corroborando de que na voz do falante a sincronia remete à diacronia e vice-versa, sem a referência de um ou outro na sua trajetória histórica linguística, segmenta e não promove o olhar caleidoscópico. A seguir, transcrever-se-á o pressuposto interpretativo mencionado por Coelho (2003, p. 165), no fragmento a seguir:

[...] a historiografia não é uma mera coleta de informações sobre o passado, mas uma disciplina que permite encontrar vias interpretativas para a história e, por meio delas, tecer reflexões relevantes para a condução do próprio fazer linguístico contemporâneo.

Nessa perspectiva, coloca-se em evidência a necessidade de que os fatos linguísticos sejam interpretados, dando voz, de certa forma, ao sujeito linguístico nas suas trajetórias linguísticas e históricas, ambas, coadunando com o falar no tempo real e espacial. Encontra-se na geografia linguística a base científica -metodológica/teórica - para coleta de dados e enverga-se o foco da pesquisa, ajustando-se conforme a demanda histórica da língua(gem), construída e reconstruída pelo sujeito histórico. Os olhares que referimos trata-se do olhar diacrônico para o entendimento do comportamento verbal sincrônico nos estudos da *variedade nipo-brasileira* e que, por meio destes olhares, pode-se aspirar um estudo do falar local, para construir no tempo real e através do tempo o inventário linguístico de uma comunidade. Estudo dessa natureza pode-se ampliar em várias instâncias linguísticas, dentre elas: a morfologia, a sintaxe, a gramática, e semântico-lexical. Neste estudo, o recorte será nos aspectos semântico-lexical interpretativo.

A interface dessas áreas contribui para as pesquisas na área de língua(gem), em que o fio norteador segue desde a reconstrução da língua na vertente diacrônica e mesmo no seu recorte sincrônico, contemplando, assim, a situação linguística no tempo histórico e até na construção do seu universo cultural, social e político. Os nuances que permeiam a visão de

mundo do falante retrata todo esse contexto que vai se delineando, criando um repertório de uma comunidade que detém a forma de falar que se revela e se atualiza no discurso.

### 3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

No presente trabalho, utilizou-se o aporte teórico-metodológico da Geolinguística para a aplicação de questionários a um grupo representativo, numa rede de pontos em um espaço geográfico definido.

Para coleta de dados aplicou-se o método *in loco* realizado por meio de entrevista oral de forma direta, utilizando como instrumento de pesquisa o questionário semântico-lexical visual (QSLV)<sup>6</sup> que contém 219 figuras e foram gravadas em CDs. A gravação foi transcrita e elaborada em planilha de Excel que constitui o *corpus* da pesquisa. Os sujeitos da pesquisa são nipo descendentes (sexo feminino, 2ª geração) do Distrito Federal.

A transcrição das respostas das respectivas figuras é colocada em cada tema, em formato de quadro para facilitar a identificação dos fenômenos. O quadro apresenta as seguintes informações: ponto (comunidade); tema (realização dos itens lexicais em português e em japonês; sujeito e a faixa etária). Quando pertinente, apresentam-se tabelas e gráficos nos dados analisados de cada figura-tema, ou seja, cada tema pode apresentar mais de uma ocorrência linguística.

---

<sup>6</sup> QSLV: foi elaborado pela pesquisadora para colher os dados da pesquisa. Essas ilustrações são retiradas do material didático para ensino de língua japonesa. Shin Nihongo no Kiso, “Nova abordagem de ensino da língua japonesa”. Minna no Nihongo, “Língua japonesa para todos”.

A Fundação Japão é um órgão vinculado ao Ministério de Relações Exteriores do Japão que objetiva divulgar a cultura japonesa e promover a interação com outros países, desenvolvendo o intercâmbio e irradiando a cultura japonesa através do ensino de língua japonesa. A Fundação Japão foi instituída em 1972.

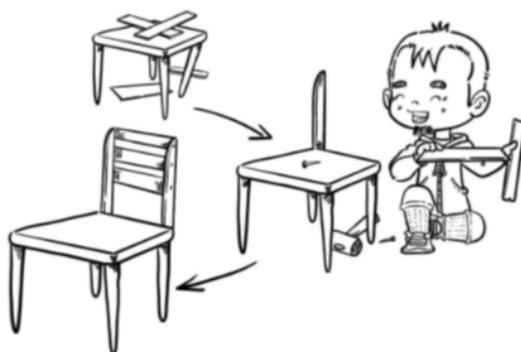
The Japanese – Language Institute, Urawa, localiza-se em Saitama City, Saitama Prefecture,. Os cursos de curta e longa duração para professores (senior e junior) de língua japonesa do mundo realizam-se neste local. Além disso oferece programas de pesquisa para pós-graduação em nível de especialização, mestrado e doutorado.

O número de pontos bem como o de sujeitos entrevistados no Distrito Federal foram definidos norteados pelos estudos sobre o povoamento dos (i)migrantes japoneses e seus descendentes na região. Selecionamos regiões com características rurais e urbanas. Utilizou-se o termo “características rurais” para especificar um contexto em que o núcleo de trabalho está voltado para a produção agrícola.

Para a seleção dos sujeitos buscou-se, na medida do possível, pessoas que, pelo menos, tivessem passado metade de suas vidas na região de pesquisa. Optou-se pelo gênero feminino, 2ª geração (nissei) bilíngue e duas faixas etárias: I (51 a 65 anos) e II (66 em diante), no total de dez sujeitos de pesquisa. Privilegiou-se os sujeitos que tivessem tido pouca escolaridade na língua japonesa e não considerou-se a escolaridade em termos de língua portuguesa. Por fim, para a transcrição grafemática das entrevistas, criou-se regras próprias, considerando a natureza e especificidade da pesquisa.

As 219 figuras-temas do QSLV, selecionadas para a presente pesquisa, retratam expressões usadas no cotidiano, seja no domínio domiciliar, seja no domínio comunitário, cujo exemplo pode ser visto no quadro visual a seguir (quadro 1: figura exemplo). Para análise, utilizou-se os excertos registrados que destacam o uso das variações dos sujeitos bilíngues desta pesquisa, ou seja, considera-se o uso dos itens lexicais, os quais são relacionados à situação do contato de línguas.

**Quadro 1:** Tema - “consertar a cadeira” (figura exemplo)



Fonte: autoria própria

Cada figura corresponde a um número e representa um tema (expressão, frase e item lexical), essa lista é apresentada no item “A pesquisa de campo”. Para melhor clareza, a figura a seguir (figura número 1) ilustra o contexto da aplicação do questionário oral. A figura do quadro 1 representa um dos exemplos do QSLV – Tema: *CONCERTAR A CADEIRA*.

Trata-se, portanto, do registro da *variedade nipo-brasileira* de 5 (cinco) comunidades do Distrito Federal, das quais recortou-se 3 (três) comunidades a saber: Brasília (Plano Piloto); Brazlândia; e Vargem Bonita para este artigo. Para a análise das respostas do questionário, selecionou-se 3 (três) dos 10 (dez) sujeitos bilíngues.

Para melhor visualização, no quadro a seguir inserimos as siglas referentes aos pontos:

**Quadro 2:** rede de pontos

PONTO – COMUNIDADE	SIGLAS
Brasília (Plano Piloto)	BSB
Brazlândia	BRAZ
Vargem Bonita	VGB

Fonte: autoria própria

Os itens lexicais em língua portuguesa são destacados, incluindo a construção do sintagma verbal português + japonês, uma vez que eles, em parte, representam e identificam o fenômeno *variedade nipo-brasileira*. Contempla-se também o uso do item lexical japonês (oficial) e do *hôgen*. Esses itens lexicais são registrados em termos de frequência, tal como ocorre nos trabalhos de Geolinguística, cada gráfico apresenta o quadro de frequência absoluta e relativa.

Após o tratamento quantitativo, efetua-se uma análise dos dados embasada no contato de línguas. São essas considerações orientam o direcionamento da análise de dados desta pesquisa que se caracteriza como natureza quantitativa-qualitativa.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados deste trabalho destacam-se os eventos linguísticos que marcam a presença da língua portuguesa e do *hogen* no falar dos nipo-brasileiros da pesquisa, uma vez que eles representam a *variedade nipo-brasileira*. Nesses termos, o uso tem relevância para pesquisas dessa natureza, já que, na fala, os sujeitos revelam sua situação linguística.

Nos dados registrados encontra-se o uso do item e/ou da expressão da língua portuguesa no discurso da língua japonesa. Isso pode ser observado nos contextos tais como tema: fazer limpeza – com a ocorrência de uso em VGB (2ª faixa etária).

Excerto 1 - Tema: “juntar o lixo”

Lixo atsumeru

A resposta obtida de “Lixo (*atsumeru*)”, apesar de ser uma única ocorrência, o item lexical *lixo* utilizado na expressão “*lixo atsumeru*” pela nipo-brasileira da pesquisa de VGB (2ª faixa etária) é significativa para estudos dessa natureza, pois a *variedade nipo-brasileira* se realiza através dessas situações de uso. Assim, o contato de línguas promove essa habilidade em incorporar o item lexical de outra língua no segmento nativo. Os itens lexicais se mesclam num segmento interessante, em que a estrutura do japonês é mantida na ordem, dando a pista do segmento oral da língua japonesa. Não obstante, a partícula pospositiva de objeto direto (OD) não é marcada na fala.

Na ocorrência do tema: “despedir-se”, encontrou-se respostas a seguir (excerto 2) a nipo-brasileira de pesquisa da VGB (2ª faixa etária) utilizou a expressão, conforme pode ser observada no excerto a seguir:

Excerto 2 - Tema: “despedir-se”

“casal *ga* despedindo”.

Essa situação apresenta dois itens lexicais em português que são *casal* e *despedir* (*despedindo*). Constata-se que os itens lexicais são integrados, mas é mantida a estrutura da língua japonesa. Essa situação orienta a análise em dois aspectos: o item lexical *casal* é incorporado por meio do empréstimo lexical, enquanto o item lexical *despedindo* se integra ao enunciado pela mudança de código. Nota-se que a morfologia da língua portuguesa é mantida, e, ao mesmo tempo, a sintaxe da língua japonesa permanece no falar. Assim, a expressão “*casal ga despedindo*”, que significa “casal (está) se despedindo”, retrata os dois códigos em trânsito de forma harmoniosa. Pode-se inferir que o interlocutor monolíngue da língua portuguesa tem condição de entender o enunciado, no entanto para os monolíngues da língua japonesa esse falar é ininteligível, uma vez que o único indicativo da língua nativa é o elemento [ga] partícula marcadora de sujeito que liga os dois itens lexicais da língua portuguesa.

No caso do tema: cortar o papel, a nipo-brasileira de BRAZ (1ª faixa etária) utilizou as seguintes expressões:

Excerto 3 - Tema: “cortar o papel”

1. “hassami de <i>cortando papel</i> ”
2. “Hassami de kami <b>kittoru</b> ”
3. Kami wo <i>corta</i> <b>shitoru</b>

Observamos no excerto 3 (exemplo 1) que o sujeito de BRAZ iniciou a frase na língua nativa com “hassami de”, empregando a partícula [de], que indica o uso de um instrumento, e completou a resposta com o segmento “cortando papel”, em português, que enfoca o objeto do verbo “cortar”. Nesta resposta, manifesta-se a ocorrência dos dois sistemas no mesmo enunciado, mantendo cada qual sua estrutura. Isso pode ser observado em “hassami de” que, em português, significa “cortar com a tesoura” e pertence ao sistema da língua japonesa, junto com “cortando papel” que segue a estrutura da língua portuguesa. Essa situação comprova

que o sujeito da pesquisa detém os dois códigos, assumindo cada qual seu papel no uso.

Neste tema, no exemplo 2, verificou-se a ocorrência do item lexical *cortar* e da variação do verbo padrão [suru] para o *hōgen* [shitoru] que se juntam para formar o segmento *corta shitoru* que significa “está cortando/cortando” em português. No caso do segmento *corta* + [suru], verificou-se que o segmento verbal apresenta uma situação similar à proposta de formação de verbos compostos referidos por Mase (1987) e Ota (2009). Nos registros das respostas desta pesquisa, em geral, o empréstimo lexical se realiza por meio da utilização da 3ª pessoa do singular + [suru], conforme as ocorrências anteriores. Neste caso, observou-se que a bilíngue de pesquisa produz o segmento *corta shitoru*, em que o item lexical se incorpora ao sistema da língua nativa e o verbo [suru] é utilizado para designar o contexto de “está cortando”. Segundo Kuyama (2000, p. 72), “[...] é possível tratar como verbos outras categorias que na língua de origem não lhe pertencem (substantivos e outras)”. Aqui, o item lexical *cortar* adapta-se ao segmento verbal da língua nativa, formando um verbo composto (OTA, 2009). Considerando que [shitoru] é uma variedade regional, tem-se dois casos de variações na resposta: uma proveniente da língua japonesa e a outra promovida pelo contato de línguas “*corta shitoru*” (*variedade nipo-brasileira*). O item lexical *cortar* ocorreu na expressão “*corta shitoru*” utilizada por uma nipo-brasileira de BSB (1ª faixa etária).

Inserimos as considerações de Ota (2009, p.53) sobre a formação de verbos compostos que justificam essa situação.

A parte em português, com seu significado, funciona como radical, e a parte final em japonês atribui à palavra as características morfológicas próprias dos verbos japoneses, com suas flexões. A regra utilizada na língua japonesa para formar inúmeros verbos, incorporando nomes de origem chinesa, e da mesma forma os estrangeirismos de origem ocidental, foi empregada com os verbos em português, criando outras palavras como: *pede-suru*, *mistura-suru* e outros.

A mesma situação ocorre com a situação do exemplo 3 do mesmo tema, o verbo [Kittoru]<sup>7</sup> é um *hôgen* surge na resposta da bilíngue. Conforme já referidas *hogen – shitoru e kittoru* – são variedades diatópicas e têm seus correspondentes na variedade *oficial* [suru] e [kiru], respectivamente. Pelas ocorrências de uso de *hôgen* pelos sujeitos da pesquisa, inferiu-se que as aquisições delas ocorreu-se na variedade diatópica e o uso dessa variedade era predominante nos diálogos com seus familiares.

Assim, os sujeitos da pesquisa direcionam seu comportamento verbal atendendo às necessidades discursivas do momento da comunicação, contemplando, dessa forma, o item lexical que lhe é significativo e familiar. Verificamos nos registros anteriores que os itens lexicais em japonês também são utilizados. Os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa transitam entre esses códigos, os quais estão se materializando no uso.

Observou-se na análise de dados que os mecanismos, seja o empréstimo lexical, seja a mudança de código, são recursos utilizados pelos sujeitos da pesquisa para preencher, possivelmente, a necessidade imediata para realização do discurso. Percebeu-se que os sujeitos da pesquisa responderam, conforme fazem uso em seu dia-a-dia com seus pares e, o fato de os sujeitos da pesquisa utilizarem esses mecanismos na entrevista, indica que, talvez, o componente “we code” que Gumperz (1976) postula justifique essa situação, uma vez que os entrevistadores desta pesquisa são, também, membros da comunidade de fala. Sendo assim, o fenômeno da interferência pode ser estudado focado nas seguintes situações: a função que ela desempenha como língua materna; e como meio de comunicação interétnica. Esse mecanismo de uso que revela a *variedade nipo-brasileira* representa uma identidade linguística e étnica.

Inferiu-se que existem itens lexicais que não estão em situação de deslocamento, pelo menos na fala dos sujeitos a exemplo referida no artigo. Configura-se como situação de deslocamento ou de alternância, pois se refere a uma situação linguística em que os itens lexicais ainda estão presentes no repertório linguístico dos sujeitos. Conforme sua

---

<sup>7</sup> Kiru: flexionado + sufixo aspectual [oru] resulta em Kirioru (*hôgen*).

Kiru: flexionado + sufixo [iru] resulta em Kitteiru (*oficial*).

necessidade e o contexto no qual está inserido, o sujeito pode recorrer a seu sistema e resgatá-los. Nesses termos, pode-se dizer que o deslocamento é uma fase transitória, uma vez que ainda não se efetivou a substituição. Para justificar a situação de deslocamento aqui reportada, recorreu-se aos teóricos Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 90) que abordam o problema da transição. Para eles, esta situação indica a “[...] trilha pela qual uma mudança linguística está caminhando para se completar”. Esses teóricos apresentam o esboço dos problemas que a teoria da mudança gera no contato de línguas, dentre eles a fase de transição, referente aos “estágios intervenientes entre dois estados da língua” (WEREINCH, LAVOB e HERZOG, 2006, p. 16-17).

Com base nessas referências, pode-se afirmar que o uso frequente dessa expressão pode apontar um padrão de comportamento, pelo menos nas comunidades enfocadas na pesquisa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transcrições registradas apontam que existem enunciados que não correspondem ao sistema funcional da língua japonesa. Por outro lado, comprovam que existem traços pertencentes aos dois sistemas linguísticos que permitem a comunicação. Observou-se que esses traços representam características idioletais e revelam a situação da *variedade nipo-brasileira*. Esses usos revelam que os dois códigos entram em cena, cada qual assumindo seu papel no evento do discurso. O sujeito bilíngue utiliza a sintaxe da língua japonesa e recorre ao item lexical para suprir as necessidades contextuais do discurso.

Essa situação pode ser interpretada de três maneiras. A primeira pode ser caracterizada como uma estratégia linguística e/ou cultural, que consiste em se apoiar em outro sistema quando ocorre uma lacuna lexical na língua meta, no entanto permanece ligada à da língua de origem quanto ao aspecto linguístico-cultural. A segunda pode ser percebida como uma instância que revela dois códigos interligados ou sobrepostos. Finalmente, a terceira baseia-se na significação, ou seja, o sujeito seleciona, num dos

dois universos linguísticos, o item lexical que representa melhor uma dada situação. Essa situação é possível porque existe, na memória do falante, o repertório linguístico desses dois universos linguísticos que permite esta operação. Essa situação pode ser igualmente justificada com base na afirmação de Barbosa (1996) quando define a unidade lexical como uma representação linguística memorizada que transita livremente nos dois códigos, ora criando, ora recriando novos elementos da língua. Dessa forma, o item lexical articula-se com base na experiência de vida do falante e incorpora ao léxico as crenças, os hábitos e a ideologia de uma cultura. O construto da *variedade nipo-brasileira* leva em consideração esses fatores, que fazem com que essa variedade se torne única e peculiar. Além desses elementos, ela é sustentada pelo espaço físico e pela história linguística de uma comunidade transplantada. Existe, então, uma tendência à substituição do uso do item lexical japonês, pois o contato de línguas contribui para que os sujeitos da pesquisa se apoiem em outro sistema lexical no enunciado verbal. O contato estreito com a sociedade majoritária colabora para essa situação linguística, que pode orientar de um lado para o deslocamento dos itens lexicais da língua nativa, devido à frequência de uso em português, fortalecendo o uso do item lexical em português.

Os dados constataam que os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa transitam nas duas línguas e nas variedades regionais de origem. A história de vida, em parte, colabora para essa situação, uma vez que esses sujeitos da pesquisa vieram de várias regiões do Japão. Esse contexto de interação contribui para surgimento de situações peculiares, cujo contexto demonstra a face multidisciplinar para estudos da língua(gem). Partindo desse pressuposto, a prática discursiva dos falantes pode ser observada por vários ângulos, visto que o processo é dinâmico, uma vez que o “habitat” contribui diretamente para uma dada situação linguística. Inscreve-se a necessidade de estudar os fenômenos linguísticos com o olhar caleidoscópico, ou sejam, entrelaçando as correntes teóricas contemporânea, tais como a Sociolinguística (Bilinguismo e Contato de Línguas); Dialetoologia/ Geolinguística; Linguística Histórica.

## REFERÊNCIAS

ALVAR, Manoel. *Estructuralismo, Geografía Lingüística Y Dialectología Actual*. Madrid: Gredos, 1969.

BARBOSA, Maria. A. *Léxico, Produção e Criatividade: Processos do Neologismo*. São Paulo: Plêiade, 1996.

COELHO, Olga. *Léxico, Ideologia e a Historiografia Lingüística do século das identidades*. *Revistas Letras*, 2003, p. 153-166.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

COSERIU, Eugéne. *Teoria del lenguaje y linguística general*. Madrid: Gredos, 1969.

COSERIU, Eugéne. *Lições de Lingüística Geral*. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro, RJ: Ao Livro Técnico, 1979.

COSERIU, Eugéne. *O Homem e a sua Linguagem*. Tradução de Fonseca et Ferreira. Rio de Janeiro, RJ: Presença, 1982.

FISHMAN, Joshua. *Bilingualism with and without diglossia: diglossia with and without bilingualism*. *Journal of Social Issues*, 1967.

FISHMAN, Joshua. *The sociology of language*. Massachusetts: Newbury House, 1972.

GARCEZ, Pedro. M.; RIBEIRO, Branca. T. *Sociolingüística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998.

GILES, Howard. *Language Ethnicity and intergroup relations*. London: Academic Press, 1977.

GROSJEAN, François. *Life with Two Languages – An Introduction to Bilingualism*. Massachusetts: Harvard University, 1982.

GUMPERZ, John. J.; BLOM, Jan-Petter. *Social meaning in linguistic structures: Code-switching in Norway*. California: Basil Blackwell, 1972.

GUMPERZ, John. J.; BLOM, Jan-Petter. *Sociolinguística Interacional*. 1ª ed. Porto Alegre: AGE Editora, 1998. *Sociolinguística Interacional*. 1ª ed. Porto Alegre: AGE Editora, 2002.

JOKO, Alice. T. *Análise contrastiva do sistema fonológico do japonês e do português- Subsídios para o ensino de japonês falantes do português do Brasil*. Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília: UnB , 1986 (Dissertação de Mestrado).

KUYAMA, Megumi. *O uso da Língua japonesa na comunidade nipo-brasileira: O empréstimo lexical no japonês falado pelos imigrantes*. São Paulo:USP, 1999 (Dissertação de Mestrado).

MASE, Y. Burajiru Dayori: Burajiru nikkeijin no nihongo (Notícias do Brasil: japonês dos nipo-brasileiros) *Gengo Seikatsu* (atividade lingüística), Tokyo, 1986.

MASE, Y. A Língua Japonesa dos Imigrantes Japoneses e seus Descendentes no Brasil. In: *Estudos Japoneses*. São Paulo: Gráfica e Editora Nippon' Art Ltda, 1987.

MIURA, Hiromi.; CATARINO FILHO, Mario. R. *Japão e Brasília – Imigração e Esporte*. Brasília: Thesaurus, 2010.

NASCIMENTO, Jarbas V. *A historiografia linguística: rumos possíveis*. São Paulo: Edições Pulsar, 2005.

OTA, J. *A língua falada nas comunidades rurais nipo-brasileiras do estado de São Paulo – considerações sobre koronia-go*. Synergies Brésil, v.7, 2009. Disponível em: < <http://www.ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Bresil7/ota.pdf>> Acesso em: 10 nov 2012.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. Oxford, 1989.

SAITO, Hiroshi. *O japonês no Brasil*. Estudos de Mobilidade e Fixação. Fundação escola de Sociologia e política de São Paulo. São Paulo: Editora de Sociologia e Política, 1961.

SANTOS, Irenilde P. dos. Variação lexical em atlas linguísticos paulistas: considerações em torno de “chuva” In: *Anais do SILEL – CD Rom*. v. 2. Uberlândia: UFU, 2011a.

SANTOS, Irenilde P. dos. Geolinguística, Análise do Discurso e Semântica Interpretativa: diálogo possível. In: Seminário Internacional de Linguística: Gênero e Memória. IV Seminário, São Paulo, 2011. *Anais*. CD-Rom. São Paulo: Terracota, 2011b.

SILVA, Rosa V.M. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

SHIN NIHONGO NO KISO. *Nova abordagem de ensino da língua japonesa* (livro didático). Fundação Japão: Bondinsha, 1995.

TAKANO, Yuko. Tensão Diglôssica na Aquisição de Língua: um estudo de bilíngues nipo-brasilienses. Brasília, 2002. 255 f. 1 v. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Instituto de Letras – Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

TAKANO, Yuko. Esboço do Atlas do Falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical. São Paulo, 2013. 360f.1v. Tese (Doutorado realizado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas do Departamento de Linguística – Programa de PósGraduação em Semiótica e Linguística Geral - USP).

THOMASON, Sara G.; KAUFMAN, Terrence. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. California: University of California Press, 1991.

WEINREICH, Uriel. *Language in Contact*. 8. ed. Paris: Mouton, 1974.

WEINREICH, Uriel; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria de Mudança Linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.





## OS AUTORES

---

**Abdelhak Razky** é Professor Titular da UnB. Possui Doutorado em Linguística pelo Université de Toulouse Le Mirail, França, Pós doutorado na Univ. de Toulouse Le-Mirail e na Univ. de Paris 13.

**Adriana Cristina Cristianini.** é docente da Univ. Fed. de Uberlândia., Doutora pela USP e Pós-doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Lisboa.

**Clézio Roberto Gonçalves** é docente na Universidade Federal de Ouro Preto. Possui doutorado em Linguística pela USP, e pós-doutorado em Língua e Cultura pela UFBA.

**Diego Coimbra dos Santos** é docente externo pela UFPA e Diretor Acadêmico-Pedagógico no Projeto do Governo do Estado “Forma Pará” pela SECTET. Mestre em Linguística pela UFPA.

**Eduardo Nakama** é graduado em Engenharia Eletrônica pelo ITA e em Letras-Japonês pela UnB. É servidor público do Ministério da Economia.

**Geanne Alves de Abreu Morato** é professora de Língua Japonesa e supervisora pedagógica do CIL de Sobradinho. É mestranda em Linguística Aplicada na UnB.

**Hélder Gomes Rodrigues** é professor de Língua Espanhola e atualmente é diretor do CIL Sobradinho. É mestre em Linguística Aplicada pela UnB.

**Irenilde Pereira dos Santos** é docente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Livre-Docente em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

**Josane Moreira De Oliveira** é docente da Universidade Estadual de Feira de Santana. É Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ e pós-doutora em Língua e Cultura pela UFBA.

**Kazue Saito M. Barros** é Professora titular da UFPE, atua na Pós-graduação em Letras e Linguística. É PhD em Language and Linguistics pela University Essex, UK.

**Kyoko Sekino** é professora do curso de Letras Japonês do Instituto de Letras da UnB. É doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, especializando-se no Estudo da Tradução.

**Marcus Tanaka de Lira** é professor adjunto do curso de Letras-Japonês da UnB. É Doutor em Linguística pela UnB.

**Ricardo Rios Barreto Filho** é professor adjunto do Departamento de Letras da UFPE, na área de Ensino da Língua Inglesa. Possui doutorado em Linguística pela UFPE.

**Selma Sueli Santos Guimarães** é professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico da Escola de Educação Básica da UFU. É doutora em Linguística pela USP.

**Yuki Mukai** é Professor Associado do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da UnB. É Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

## Ocidente e Oriente

O diálogo pode ser caracterizado como uma atividade humana que tem sua origem na interação humana nos vários grupos sociais que compõem a sociedade. Nesse sentido, é no espaço que, por meio da linguagem, brotam, circulam e se disseminam ideias.

**O Diálogo Linguístico: Ocidente e Oriente** é um livro que reúne textos escritos por pesquisadores que atuam também no ensino, do fundamental até o nível superior. Os capítulos reunidos são frutos de pesquisas aprofundadas sobre diversos aspectos de nossa língua (ocidente) e da língua japonesa (oriente).

O livro demonstra que as áreas de conhecimentos empíricos e teóricos sobre a linguagem podem se entrelaçar e ampliar os estudos com múltiplos olhares. Os novos consensos surgem, quando as “vozes”, em português e em japonês, orientam e direcionam na busca de novos paradigmas, construindo o saber e o fazer científicos.

A Comissão Organizadora agradece a todos os autores que nos confiaram os seus textos para a publicação.

Agradecemos ao Instituto de Letras e ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução pelo apoio e financiamento dessa obra no ano em que a presença da Língua Japonesa na UnB comemora quarenta anos. São quatro décadas de estudos profícuos sobre a língua japonesa os quais foram iniciados e sempre incentivados pela Profa. Dra. Alice Tamie Joko, posteriormente fundadora do curso de Licenciatura em Letras-Japonês, no ano de 1997.

ISBN 978-65-5846-143-2



9 786558 461432



Obra financiada pelo departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LETJ), do Instituto de Letras, por meio do edital IL/EDU 1º/2021.